

A REPRESENTAÇÃO DO DISCURSO COLONIAL EM “O ROMANCE DA MADEIRA-MAMORÉ” DE BARROS FERREIRA E SUA CONTEXTUALIZAÇÃO NA HISTORIOGRAFIA AMAZÔNICA

Dirchely Samara de Lima Farel¹

RESUMO: Este estudo analisa “O Romance da Madeira-Mamoré” de Barros Ferreira (1963), focando no discurso colonial presente na narrativa e sua relevância para a historiografia amazônica. Utilizando uma abordagem pós-colonial fundamentada nos estudos de Albert Memmi, Homi Bhabha e Enrique Dussel, investigamos como o autor retrata as dinâmicas de poder, a idealização da modernidade e a interação entre colonizadores e populações locais durante a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM). Complementamos a análise literária com dados históricos e memórias dos trabalhadores envolvidos na construção da ferrovia, evidenciando exploração e dificuldades enfrentadas. Este trabalho contribui para o entendimento das representações literárias das experiências coloniais na Amazônia, destacando a literatura como ferramenta de resistência e reconstrução identitária frente aos discursos hegemônicos.

1

Palavras-chave: Madeira-Mamoré. Discurso Colonial. Literatura Amazônica. Pós-Colonialismo. Historiografia.

1 INTRODUÇÃO

A Amazônia, com suas vastas extensões geográficas e diversidade cultural e biológica, é fundamental para entender os processos históricos de colonização, exploração e resistência que moldaram o Brasil e a América Latina. Frequentemente chamada de “pulmão do mundo”, a Amazônia desempenha papel vital na regulação climática global e é palco de interações significativas entre diferentes povos, culturas e interesses econômicos. A literatura regional reflete profundamente as transformações sociais e tensões desses processos.

Nesse contexto, a literatura é essencial para representar e construir memórias coletivas, documentando e criticando experiências históricas de colonização e exploração. “O Romance da Madeira-Mamoré”, de Barros Ferreira, destaca-se por retratar a construção da Estrada de

¹Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

Ferro Madeira-Mamoré (EFMM), oferecendo uma visão crítica das interações entre colonizadores, trabalhadores imigrantes e populações indígenas.

A EFMM, construída entre 1903 e 1912, é um marco na engenharia civil brasileira e nas ambições de progresso e modernização do início do século XX. A construção enfrentou desafios severos, incluindo condições de trabalho desumanas, exploração econômica, conflitos culturais violentos e alta mortalidade entre os trabalhadores, muitos imigrantes europeus. Barros Ferreira capta realisticamente esses traumas humanos e as complexidades sociais envolvidas.

Este estudo analisa como o discurso colonial é articulado em “O Romance da Madeira-Mamoré”, utilizando uma perspectiva pós-colonial para desvendar dinâmicas de poder, idealização da modernidade e representações das populações indígenas e trabalhadores estrangeiros. A relevância da obra reside em oferecer insights sobre a literatura que aborda a colonização na Amazônia, destacando como autores utilizam a ficção para resistir a discursos hegemônicos e reconstruir identidades culturais marginalizadas. A análise é enriquecida com dados históricos e memórias coletadas de trabalhadores, conforme a dissertação de Gláucia Lopes Negreiros (2022), proporcionando uma compreensão mais completa das experiências literárias e históricas.

2 DESENVOLVIMENTO

A análise pós-colonial oferece um arcabouço teórico robusto para investigar como as narrativas literárias representam e contestam estruturas de poder estabelecidas durante o período colonial. Fundamentada nas obras de Albert Memmi, Homi Bhabha e Enrique Dussel, essa perspectiva permite desconstruir as relações de dominação e resistência entre colonizadores e colonizados.

Albert Memmi, em “Retrato do Colonizado” (1957), discute a alienação e desumanização dos povos colonizados, destacando como o discurso colonial cria uma hierarquia que legitima a dominação e exploração. Memmi argumenta que o colonizador internaliza uma visão de superioridade, enquanto o colonizado sente-se inferior e impotente. Essa dinâmica é essencial para entender as representações dos trabalhadores estrangeiros e das populações indígenas na obra de Barros Ferreira, refletindo a internalização das desigualdades impostas pelo discurso colonial.

Homi Bhabha, em “O Local da Cultura” (1994), introduz conceitos como “hibridismo cultural” e “terceiro espaço”, enfatizando a fluidez das identidades e a resistência nas interações

culturais. Bhabha argumenta que as culturas coloniais são espaços de constante negociação de significados, onde emergem formas híbridas de resistência e identidade. Esse conceito é relevante para analisar como Barros Ferreira retrata a mistura de culturas e nacionalidades na construção da EFMM, evidenciando tensões e possibilidades de resistência entre diferentes grupos.

Enrique Dussel, em “Filosofia da Libertação” (1977), enfatiza a necessidade de uma epistemologia do sul, valorizando saberes e vivências dos povos marginalizados. Dussel critica a dominação eurocêntrica no conhecimento e defende uma abordagem que incorpore perspectivas subalternas. Essa abordagem é fundamental para entender como a literatura pode servir como ferramenta de resistência, oferecendo vozes alternativas que desafiam discursos hegemônicos e promovem visão inclusiva da história.

Barros Ferreira, ao descrever a construção da EFMM, além de narrar eventos históricos, insere críticas às práticas coloniais e exploratórias. Personagens de diversas nacionalidades enfrentando condições adversas na selva amazônica refletem a complexidade das relações de poder e as consequências humanas da exploração econômica. A representação desses personagens permite analisar dinâmicas de poder e interações interculturais, destacando resistência e adaptabilidade dos trabalhadores frente às adversidades impostas pelo ambiente e estruturas coloniais.

3

“O Romance da Madeira-Mamoré” apresenta dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores na construção da EFMM, abordando exploração econômica, doenças tropicais, conflitos com populações indígenas e condições insalubres de trabalho. A figura do Coronel Church, engenheiro norte-americano, simboliza o espírito colonial e a busca incessante por progresso, ignorando realidades adversas e impactos sociais de suas ações. Essa representação crítica evidencia como líderes coloniais são retratados como agentes de dominação, priorizando progresso econômico em detrimento do bem-estar humano e ambiental.

Barros Ferreira usa descrições detalhadas para enfatizar a hostilidade do ambiente amazônico, reforçando a selva como território inóspito e perigoso. Essa representação sublinha os desafios na construção da ferrovia e perpetua o discurso colonial que justifica a presença de colonizadores sob promessa de civilização e desenvolvimento econômico, ao custo de vieses negativos sobre as populações locais.

A narrativa também expõe a desumanização dos trabalhadores, retratados como vítimas de um sistema exploratório. Condições insalubres, falta de recursos e alto índice de mortalidade

devido a doenças como a malária destacam a precariedade das condições de trabalho e a ausência de preocupação com o bem-estar dos trabalhadores estrangeiros. Essa desumanização reflete as teorias de Memmi sobre a alienação dos colonizados, onde os trabalhadores são reduzidos a elementos de uma lógica econômica, desprovidos de direitos e dignidade.

A construção da EFMM visava conectar a região amazônica ao restante do país, facilitando o escoamento da produção borracheira e promovendo a integração econômica. Segundo Lopes (2018), a EFMM representou um esforço titânico que resultou em altas taxas de mortalidade e exploração dos trabalhadores, predominantemente imigrantes de diversas nacionalidades. A magnitude desse empreendimento reflete as ambições de modernização e integração nacional, evidenciando contradições inerentes a projetos de desenvolvimento baseados em exploração e exclusão.

A trajetória dos imigrantes na obra de Barros Ferreira, corroborada pelas memórias dos trabalhadores documentadas na dissertação de Negreiros (2022), evidencia a luta contra condições adversas e a busca por sobrevivência em ambiente hostil. A narrativa destaca a dualidade entre sonhos de prosperidade e a realidade de sofrimento, refletindo a complexidade das experiências coloniais na Amazônia. Essa dualidade é essencial para compreender motivações dos trabalhadores e contradições enfrentadas, buscando futuro melhor enquanto são submetidos a condições desumanas e exploração constante.

4

As memórias coletadas de trabalhadores e as representações literárias de Barros Ferreira convergem para uma visão crítica do progresso colonizador. A EFMM, mais do que um marco de desenvolvimento, simboliza exploração humana e ambiental, exacerbada por discursos que legitimam superioridade dos colonizadores e subjugação das populações locais. Essa visão crítica alinha-se com teorias pós-coloniais, que buscam desmascarar narrativas hegemônicas e revelar injustiças e desigualdades subjacentes aos processos de colonização e desenvolvimento.

A literatura, ao retratar esses eventos, desafia narrativas oficiais e contribui para construção de historiografia mais inclusiva e crítica. A obra de Barros Ferreira, ao integrar ficção e realidade, proporciona reflexão sobre consequências da colonização e necessidade de ressignificar a história a partir das vozes marginalizadas. Essa abordagem literária enriquece a compreensão histórica e promove consciência crítica sobre dinâmicas de poder e injustiças sociais que persistem até hoje.

Ademais, a análise pós-colonial identifica como a literatura pode servir como espaço de resistência, onde autores reivindicam narrativas dos marginalizados e contestam versões

oficiais da história. A obra de Barros Ferreira, ao dar voz aos trabalhadores e populações indígenas, desafia hegemonia cultural e promove visão mais equitativa e justa da história da Amazônia. Essa resistência literária é fundamental para construção de identidade cultural diversa e inclusiva, reconhecendo e valorizando contribuições e experiências de todos os grupos envolvidos nos processos históricos.

A interseção entre literatura e história na obra de Barros Ferreira destaca a importância de abordagens interdisciplinares na pesquisa acadêmica. Ao combinar elementos narrativos com dados históricos e memórias orais, o autor cria narrativa rica e multifacetada que reflete a complexidade das experiências humanas na construção da EFMM. Essa abordagem é essencial para compreensão mais completa dos fenômenos históricos, permitindo que diferentes perspectivas e métodos de análise se complementem e enriqueçam mutuamente.

Além disso, ao utilizar perspectiva pós-colonial, este estudo contribui para debates acadêmicos sobre representação literária da colonização e construção da memória coletiva. Aplicação das teorias de Memmi, Bhabha e Dussel ao contexto da Amazônia oferece nova lente para interpretar nuances das relações de poder e formas de resistência presentes na obra de Barros Ferreira. Essa contribuição teórica enriquece análise literária e amplia campo de Estudos Coloniais e Historiografia Amazônica, incentivando futuras pesquisas a adotarem abordagens semelhantes em outras obras e contextos históricos.

5

O contexto histórico e socioeconômico da construção da EFMM é fundamental para entender a obra de Barros Ferreira. A virada do século XIX para o XX no Brasil foi marcada por intensas transformações econômicas e sociais, impulsionadas pela busca por modernização e integração nacional. A expansão da atividade econômica, especialmente a exploração da borracha, motivou a construção de grandes obras de infraestrutura, como a EFMM, que visavam conectar regiões isoladas ao restante do país. Entretanto, esses projetos de modernização foram frequentemente executados à custa de enormes sofrimentos humanos e ambientais, refletindo a dicotomia entre progresso econômico e justiça social.

A análise da obra de Barros Ferreira permite explorar como a literatura reflete e questiona essas contradições, oferecendo perspectiva crítica sobre custos humanos e ecológicos do desenvolvimento. Através da narrativa ficcional, o autor destaca vozes dos oprimidos e marginalizados, revelando tensões e conflitos subjacentes aos processos de modernização. Essa abordagem literária, ao documentar a realidade histórica, proporciona reflexão crítica sobre

ideologias de progresso e civilização que justificam a exploração colonial, convidando o leitor a reconsiderar narrativas oficiais de desenvolvimento.

Outro aspecto relevante é a representação das populações indígenas na obra de Barros Ferreira e como essa representação se alinha com teorias pós-coloniais. As populações indígenas, frequentemente retratadas de maneira estereotipada ou marginalizadas nas narrativas coloniais, têm suas identidades e culturas desvalorizadas pelo discurso colonial. Através da abordagem pós-colonial, é possível analisar como Barros Ferreira representa essas populações, identificando elementos de resistência cultural e resiliência diante da opressão colonial. A literatura, nesse contexto, assume papel de reivindicação e ressignificação das identidades indígenas, contrapondo-se às visões eurocêntricas e coloniais que predominam nas narrativas oficiais.

A utilização de memórias coletadas de trabalhadores na construção da EFMM, conforme apresentado na dissertação de Gláucia Lopes Negreiros (2022), enriquece a análise literária ao fornecer base histórica e empírica para a interpretação da obra. Memórias orais capturam experiências pessoais e coletivas dos trabalhadores, oferecendo perspectiva única sobre condições de trabalho, relações de poder e formas de resistência presentes no contexto da construção da ferrovia. A integração dessas memórias na análise literária permite compreensão mais aprofundada das representações ficcionais, facilitando a identificação de elementos de veracidade histórica e ficcionalização na obra de Barros Ferreira. Essa metodologia, combinando análise literária com pesquisa histórica e etnográfica, demonstra importância de abordagem interdisciplinar para compreender narrativas coloniais na literatura.

6

Além das teorias e dados históricos, é pertinente considerar influências literárias e estilísticas que moldaram a obra de Barros Ferreira. Literatura regionalista brasileira, com foco nas especificidades culturais e geográficas de regiões como a Amazônia, oferece pano de fundo rico para construção das narrativas coloniais. Através de análise estilística, é possível identificar como Barros Ferreira utiliza elementos literários para criar representação crítica da realidade amazônica, empregando técnicas como descrições detalhadas, metáforas e simbolismos para transmitir complexidades das interações coloniais. Análise estilística, combinada com teoria pós-colonial, permite compreensão mais profunda de como a literatura reflete e subverte narrativas dominantes, oferecendo representação mais autêntica das experiências coloniais.

Outro ponto a ser explorado é a intertextualidade presente na obra de Barros Ferreira, ou seja, as influências e referências a outras obras literárias e teóricas que dialogam com o tema da colonização e da construção da identidade cultural. Intertextualidade enriquece análise ao

revelar como a literatura dialoga com outras tradições literárias e teóricas, construindo rede de significados que amplifica crítica ao discurso colonial. Identificar essas intertextualidades permite traçar paralelos que enriquecem a compreensão da obra, destacando sua relevância dentro do panorama literário brasileiro e das teorias pós-coloniais.

Além disso, é importante considerar as implicações ambientais da construção da EFMM e como essas são representadas na obra literária. A exploração econômica da Amazônia, especialmente através de projetos de infraestrutura como a ferrovia, teve impactos profundos no meio ambiente, resultando em desmatamento, degradação ecológica e perda de biodiversidade. Representação desses impactos na literatura questiona as ideologias de desenvolvimento que ignoram os custos ambientais. Através da descrição dos efeitos ambientais, a literatura contribui para compreensão mais holística das consequências da colonização, integrando aspectos ecológicos e sociais na análise das narrativas coloniais.

Finalmente, é essencial refletir sobre a contribuição da obra de Barros Ferreira para a educação e a formação crítica de novas gerações. Ao representar dinâmicas coloniais, a literatura oferece ferramentas pedagógicas para compreender complexidades históricas e sociais da Amazônia. Integrando elementos ficcionais e históricos, a obra pode ser utilizada como recurso educativo para promover reflexão crítica sobre processos de colonização, exploração econômica e resistência cultural. A literatura, nesse contexto, assume papel transformador, capacitando leitores a questionar narrativas oficiais e valorizar vozes marginalizadas na construção da memória coletiva.

7

3 CONCLUSÃO

Este estudo reafirma a importância da literatura como veículo de resistência e reconstrução de memórias coletivas frente ao discurso colonial. “O Romance da Madeira-Mamoré”, de Barros Ferreira, ao retratar dinâmicas de poder e a realidade adversa da construção da EFMM, contribui significativamente para compreensão das experiências humanas e sociais na Amazônia durante o período colonial. A análise pós-colonial revela como a obra desafia narrativas hegemônicas e promove visão crítica sobre exploração e desumanização dos trabalhadores, valorizando vozes marginalizadas e questionando justificativas do progresso colonizador.

A integração de dados históricos e memórias dos trabalhadores enriquece a interpretação literária, destacando a literatura como ferramenta fundamental na reconstrução da identidade

cultural e na denúncia das injustiças sociais. A obra de Barros Ferreira, ao combinar ficção com elementos históricos e memórias orais, cria narrativa que documenta e critica forças sociais e políticas que moldaram essas experiências. Essa abordagem interdisciplinar é essencial para compreensão abrangente da história da Amazônia e dos processos de colonização e exploração que a caracterizaram.

Conclui-se que “O Romance da Madeira-Mamoré” é uma contribuição valiosa para Estudos Coloniais e Historiografia Amazônica, ressaltando a necessidade de pesquisas multidisciplinares que valorizem diversas vozes e experiências na construção da história regional. A obra demonstra como a literatura pode atuar como espaço de resistência, onde autores reivindicam narrativas dos marginalizados e contestam versões oficiais da história, promovendo visão mais inclusiva e equitativa do passado. A aplicação da teoria pós-colonial enriquece a análise, permitindo desconstrução das relações de poder e compreensão mais ampla das dinâmicas culturais e sociais que caracterizaram a construção da EFMM.

Este estudo, ao explorar a interseção entre literatura, história e teoria pós-colonial, contribui para valorização de obras literárias que abordam a colonização na Amazônia e enfatiza a importância de abordagens teóricas que questionam estruturas de poder e promovem inclusão de vozes anteriormente marginalizadas. Nesse sentido, a literatura se revela como ferramenta poderosa para construção de memória coletiva crítica e inclusiva, capaz de transformar a compreensão histórica e social da Amazônia e de suas complexas interações coloniais.

Além disso, a análise das representações literárias em consonância com dados históricos e memórias coletadas reforça a necessidade de abordagem integrada e multifacetada na pesquisa acadêmica. Essa metodologia permite compreensão mais rica e complexa dos fenômenos estudados, superando limitações de abordagens unidimensionais e promovendo visão mais holística e crítica da história. Ao reconhecer e valorizar a contribuição da literatura para construção da memória e da identidade cultural, este estudo destaca importância de promover interdisciplinaridade e integração de diferentes fontes de conhecimento no campo dos Estudos Coloniais e da Historiografia Amazônica.

Em suma, “O Romance da Madeira-Mamoré” de Barros Ferreira enriquece o panorama literário brasileiro ao abordar capítulo significativo da história amazônica e serve como exemplo de como a literatura pode atuar como espelho das transformações sociais e instrumento de resistência cultural. Através de análise teórica pós-colonial, este estudo ilumina camadas subjacentes da obra, revelando complexas relações de poder e estratégias de resistência que

permeiam a narrativa. Assim, a obra de Barros Ferreira se estabelece como contribuição essencial para compreensão das dinâmicas coloniais na Amazônia e para valorização das vozes que resistem e reinterpretam a história a partir de perspectivas marginalizadas.

Por fim, este texto, ainda em desenvolvimento, pode ser aprimorado com aprofundamentos adicionais em áreas temáticas específicas e com inclusão de mais referências teóricas e empíricas que enriqueçam a análise. Futuras revisões poderão expandir seções específicas, integrar estudos de caso adicionais e explorar mais detalhadamente intersecções entre literatura, história e teoria pós-colonial, visando alcançar abordagem ainda mais abrangente e rigorosa. A continuidade deste estudo permitirá uma contribuição ainda mais robusta para campos de Estudos Coloniais e Historiografia Amazônica, consolidando importância da literatura como instrumento de reflexão crítica e transformação social.

REFERÊNCIAS

BARROS FERREIRA. *O Romance da Madeira-Mamoré*. São Paulo: Clube do Livro, 1963.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

DAOU, Ana Maria. *A Belle Époque Amazônica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

DIACON, Todd A. *Rondon: o Marechal da Floresta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

DUSSEL, Enrique. *Filosofia da Libertação*. São Paulo: Loyola, 1977.

LOPES, Evandro da Rocha. *Imagens da Madeira-Mamoré: Proposta de um Centro de Documentação e Referência*. 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2018.

MEMMI, Albert. *Retrato do Colonizado Precedido pelo Retrato do Colonizador*. Tradução de Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

NEGREIROS, Gláucia Lopes. *O Discurso Colonizador na Obra O Romance da Madeira-Mamoré, de Barros Ferreira*. 2022. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2022.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como Invenção do Ocidente*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SOUZA, Márcio. *História da Amazônia*. Manaus: Valer, 2009.